

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DIRETORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO:  
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VANESSA MARIA SERAFIN

**O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

VANESSA MARIA SERAFIN



## O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2020



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

Por

**VANESSA MARIA SERAFIN**

Esta monografia foi apresentada às 13:30 h do dia **26 de setembro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu- Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

---

Prof<sup>a</sup>. Ma Flóida Moura Rocha Carlesso  
Batista UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Joice Maria Maltauro Juliano  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof. Me. Adriano Hidalgo Fernandes  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico a Deus e a minha família, meu  
esposo Cristiano e meus filhos Lucas e  
Laura, pelo incentivo e compreensão nas  
horas de ausência.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha família, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Ma. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética.” (NICOLE BÈDARD)

## RESUMO

SERAFIN, Vanessa Maria. **O desenho como forma de expressão da criança**. 2020. 33 páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Este trabalho teve como objetivo conscientizar os professores sobre a importância do desenho no desenvolvimento das crianças como uma forma de expressão e o que ela carrega no seu mundo de sentimentos e emoções. Pois, o desenho é uma importante forma de linguagem expressiva e essencial para o desenvolvimento da criança, exercendo forte influência no processo de desenvolvimento emocional infantil, pois as produções gráficas da criança podem vir carregadas de diversos sentimentos, tais como: medo, angústia, insegurança e alegria. É tendo consciência disso, que este estudo pretende ser capaz de lançar luz a essa temática tão relevante para compreensão do desenho como instrumento de expressão subjetiva da criança. Para tanto, o texto foi organizado em quatro momentos: primeiro, traz algumas considerações em relação à história do desenho. No segundo momento, trata da relevância do desenho para o desenvolvimento infantil, de como através dele a criança pode criar e representar o seu universo interno. No terceiro momento, aborda as fases do desenvolvimento do desenho, especificando as características de cada uma delas, relacionando-as ao desenvolvimento da criança. Já no quarto e último momento, disserta sobre o olhar do professor na interpretação de desenhos infantis, ressaltando a importância e necessidade de o professor estar sempre atento às produções de seus alunos, para poder acompanhar e entender o que a criança quer transmitir em seu desenho. O que será apresentado nesse estudo, é fruto de pesquisas bibliográficas e foi fundamentado principalmente nos estudos dos autores Nicole Bédard e Viktor Lowenfeld, onde conclui-se a importância de cada passo do desenho infantil na construção do desenvolvimento da criança, e que por meio das cores, traços e verbalizações sobre o desenho é que se podem obter informações significativas sobre o contexto histórico-cultural em que a criança vive e como o significa.

**Palavras-Chave:** Desenho. Desenvolvimento Infantil. Expressão. Criança.

## ABSTRACT

SERAFIN, Vanessa Maria. **Drawing as a way of expressing the child**. 2020. 33 pages. Monograph (Specialization in Education: Teaching Methods and Techniques). Federal Technological University of Paraná, Medianeira, 2020.

This work aimed to make teachers aware of the importance of drawing in the development of children as a form of expression and what it carries in their world of feelings and emotions. Because drawing is an important form of expressive language and essential for the child's development, exerting a strong influence on the child's emotional development process, as the child's graphic productions may come loaded with different feelings, such as: fear, anguish, insecurity and joy. It is with this awareness in mind that this study aims to be able to shed light on this theme that is so relevant for understanding drawing as an instrument of subjective expression of the child. For that, the text was organized in four moments: first, it brings some considerations in relation to the history of the drawing. In the second moment, it deals with the relevance of drawing to child development, how through it the child can create and represent his internal universe. In the third moment, it addresses the phases of the development of the drawing, specifying the characteristics of each one of them, relating them to the child's development. In the fourth and last moment, he talks about the teacher's eyes when interpreting children's drawings, emphasizing the importance and need for the teacher to always be attentive to his students' productions, in order to be able to follow and understand what the child wants to convey in his drawing . What will be presented in this study is the result of bibliographic research and was mainly based on the studies of the authors Nicole Bédard and Viktor Lowenfeld, which concludes the importance of each step of child drawing in the construction of child development, and that through colors, strokes and verbalizations about the drawing, it is possible to obtain significant information about the historical-cultural context in which the child lives and how it means it.

**Keywords:** Drawing. Child development. Expression. Child.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Garatuja desordenada.....	19
Figura 2 – Garatuja ordenada .....	20
Figura 3 – Garatuja nomeada.....	21
Figura 4 – Estágio Pré-Esquemático .....	22
Figura 5 – Estágio Esquematismo .....	23
Figura 6 – Desenho de um aluno .....	28

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>12</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>13</b>
<b>3.1 HISTÓRIAS DO DESENHO</b> .....	<b>13</b>
3.2 A RELEVÂNCIA DO DESENHO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....	14
3.3 FASES DO DESENVOLVIMENTO DO DESENHO .....	18
3.3.1 Etapas da garatuja .....	18
3.3.2 Estágio Pré-Esquemático .....	22
3.3.3 Estágio Esquematismo .....	22
3.4 O OLHAR DO PROFESSOR NA INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS INFANTIS .....	23
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O desenho pode servir como uma linguagem de expressão para criança, mesmo que ela ainda não consiga se expressar por meio da fala ou da linguagem escrita. Pois, sabe-se que cada gesto e movimento têm significações simbólicas, capazes de contribuir para o desenvolvimento humano.

Neste sentido, o desenho como forma de expressão subjetiva e o grafismo como parte do crescimento físico, cognitivo e emocional da criança, faz do ambiente escolar um espaço de descobertas, novidades e novas aprendizagens. Pois, através do ato de desenhar pela criança, podem ser observados seus movimentos corporais, a coordenação de seu desenvolvimento visual e sua percepção de mundo.

Assim sendo, a reflexão desse estudo, gira em torno de como compreender melhor a criança através de um dos seus meios mais expressivos - o desenho. Cabe o questionamento: Qual é papel do professor com relação à interpretação desses desenhos? Será que o professor está conseguindo interpretar os acontecimentos ao redor dessa criança ou em sua vida através do seu desenho? E como age o educador diante das expressões contidas nesses desenhos? Diante disso, justifica-se a importância e necessidade de o professor conhecer mais a fundo o papel do grafismo e suas contribuições no desenvolvimento da criança, para poder então explorar esse universo da imaginação, livre expressão, subjetividade e autoconhecimento.

Em relação à composição das partes que integram a pesquisa, o texto foi organizado em quatro momentos: primeiro, traz algumas considerações em relação à história do desenho. No segundo momento, trata da relevância do desenho para o desenvolvimento infantil, de como através dele a criança pode criar e representar o seu universo interno. Já no terceiro momento, aborda as fases do desenvolvimento do desenho, especificando as características de cada uma delas, relacionando-as ao desenvolvimento da criança. Por último, no quarto momento, disserta sobre o olhar do professor na interpretação de desenhos infantis, ressaltando a importância e necessidade de o professor estar sempre atento às produções de seus alunos, para poder acompanhar e entender o que a criança quer transmitir em seu desenho.

Enfim, através de pesquisa bibliográfica buscou-se aspectos relacionados ao desenho infantil como forma de linguagem e expressão da criança, fundamentando nos estudos feitos por Nicole Bédard e Viktor Lowenfeld entre outros.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Em relação à pesquisa pode-se afirmar que ela é básica, qualitativa, explicativa e bibliográfica.

Com relação à natureza, a pesquisa é básica, pois busca gerar novos conhecimentos para a ciência sem previsão de aplicação prática. Já em relação a forma de abordagem, a pesquisa se dá de forma qualitativa, pois não pode ser traduzida em números, e a interpretação dos fenômenos dos dados coletados e a atribuição de significados são elementos básicos. No que diz respeito aos objetivos, a pesquisa é explicativa, pois visa a identificação de fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Dessa forma, estuda e descreve características ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade estudada. Por fim, quanto aos procedimentos técnicos a pesquisa é bibliográfica, pois é elaborada a partir da bibliografia já tornada pública, em relação ao tema de estudo.

### 3- DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 HISTÓRIAS DO DESENHO.

Houve uma época em que o homem primitivo não sabia escrever. Para registrar o que via e, talvez, para comunicar-se, ele fazia desenhos nas paredes das cavernas que habitava, ou seja, usava o desenho, rabiscos e formas, como um instrumento de comunicação, que vem acompanhando a humanidade desde a sua existência.

Segundo Cagliari (1997), houve uma necessidade de comunicação entre os nossos antepassados, a qual não entendia-se pela forma verbal, mais sim por figuras, que eram expostas nas paredes das cavernas, feitas através de pictogramas- associados com imagens e não sons; assim como a criança tem ideia de representação, as figuras rupestres, também transmitiam a representação, não havia um significado real, e sim pictórico, puro desenho.

Inicialmente, reproduziam as coisas que observava ao seu redor, como os animais e a natureza. Depois criaram símbolos, em geral pequenos sinais ou figuras, com os quais procuraram expressar ideias, emoções, registrar seu cotidiano, fatos que consideravam importantes. O homem pré-histórico marcou na rocha seres humanos, animais, plantas, elementos do seu mundo, expressando de uma forma intensa as suas vivências e emoções, tudo isso através do grafismo.

Para Derdyk:

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1993, p. 10)

Através desses desenhos eles conseguiam transmitir e se comunicar, passando assim de geração em geração sua história e experiência vivida naquele tempo para seus antepassados. Era assim através desses símbolos que a raça humana passava para suas futuras gerações as informações de como viviam, se alimentavam e se protegiam contra os perigos da antiguidade.

E foi assim, que as crianças que não dominavam a escrita, se expressavam, através de seus desenhos e rabiscos, que com o passar do tempo foram ganhando

forma e sentido, aplicando uma representação simbólica para cada traço. Podendo-se dizer assim que o desenho é uma das formas de linguagem que possibilita o sujeito a se expressar, desde muito tempo até nos dias de hoje.

Dessa forma, pode-se pensar o desenho como linguagem universal, que possui convenções pertencentes à sociedade e à cultura e perpetuam diferentes gerações, cada qual com suas singularidades, dotada de historicidade.

### 3.2 A RELEVÂNCIA DO DESENHO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

O ato de rabiscar, desenhar e escrever são formas de linguagem que o ser humano adotou ao longo da história para se comunicar e expressar seus sentimentos e emoções, estabelecendo assim uma relação com o meio do qual faz parte. Desenhando, a criança imprime registros, portanto, expressa e comunica.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Para Moreira (1984), o desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, iniciada antes mesmo de ela dominar a leitura e a escrita, e para ela é uma linguagem, como o gesto e a fala.

Os primeiros desenhos são feitos pelo prazer de riscar para produzir algo no papel. Pode-se confirmar tal ideia através do seguinte trecho:

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p.56).

Sendo assim, ao rabiscar a criança, não sabe o que está naturalmente fazendo, mas ela rabisca por prazer, por também ser um ato lúdico, prazeroso, de pura imaginação, traz à criança o desenvolvimento da criatividade, expressividade, compreensão de mundo, desenvolvimento de personalidade e inteligência cognitiva.

Desenhar é uma necessidade, tanto pelo aspecto da comunicação como pelo prazer que esta atividade proporciona. Por meio do desenho, a criança cria e representa o seu universo interno, uma vez que esse meio de comunicação e expressão é, para ela, um dos mais significativos, envolvendo o seu mundo real e imaginário.

Segundo Derdyk:

Seus rabiscos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis. Esta funciona como ponte de comunicação entre o corpo e o papel. (DERDYK, 1989, p. 63).

Para a autora os traços representados no papel escondem segredos relacionados com inconsciente da criança, mostrando a necessidade de trazer à tona desejos, impulsos, sentimentos e emoções.

Assim como Derdyk (2003), que afirma que a criança desenha para se divertir, Moreira (1984) aponta que ela desenha para brincar. Pode-se, assim, assegurar que o desenho seja um veículo de expressão, tanto do brincar quanto da diversão, afinal, ambos se complementam. Dificilmente vê-se uma criança ficar triste ao estar desenhando, pois o desenho representa uma dimensão humana que alimenta sonhos, estimula pensamentos e encanta.

Derdyk (2003), o desenho, como linguagem, também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos, aprimorando suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. Assim, ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos.

A maioria dos rabiscos não vão acontecer por acaso, tudo o que a criança observa, escuta ou até mesmo fala, ela vai querer fazer uma pequena demonstração, através do seu desenho. A criança utiliza-se muito do ambiente que vive, como inspiração, quando mais colorido e chamativo for o observado, na criança

crecerá a chance de que haja uma maior estimulação para que seja feito o desenho propriamente feito através do rabisco. Tanto os rabiscos como o desenho são livres expressões que vem da criança, o desenho principalmente precisa ter alguns acessos para acontecer, para surgir.

Bédard (2013), enfatiza que, para se interpretar um desenho, deve-se levar em consideração o simbolismo e as mensagens que estão postas no mesmo e não a sua perfeição estética.

O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética. (BÈDARD, 2013, p. 8).

Os primeiros anos de vida de uma criança são representados pelo procedimento de garatujas, que segundo Lowenfeld (1970) começa, quando a criança está entre a idade dos 2 aos 4 anos, esse período é de grande importância, pois é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança; toda a realização feita pela criança nesse estágio servirá como melhor desenvolvimento cognitivo. Ela se realiza quando, por meio de seus traços, rabiscos e garatujas, expressa seu imaginário.

Para compreender melhor a expressão da criança, através dos desenhos, se faz necessário saber que esta, ao entrar em contato com materiais específicos, tais como, lápis, tinta, giz de cera, papel entre outros, desenvolve habilidades físicas, social e afetivo-emocional.

Lowenfeld (1997), destaca que a criança aprende a imitar os traços que viu alguém fazendo e, para ajudá-la a aumentar a confiança nas suas possibilidades, os pais e professores devem incentivar esse ato, objetivando o aumento de sua autoconfiança. Destaca-se também o consenso entre vários autores ao mencionarem a diversidade de materiais que devem ser colocados à disposição da criança para que esta possa se manifestar por meio de suas criações, e que este seja pertinente a idade da mesma.

Ferreira (2005), destaca que a criança deve ser incentivada através da liberdade de criação, o material deve ser adequado e o espaço a ser utilizado deve ser compatível com as suas necessidades motoras. Para a autora todas as crianças são únicas nas suas formas de percepção e expressão, a variação do potencial



criador dependerá das oportunidades que terão para expressá-lo. Daí a necessidade e importância de um ambiente acolhedor e favorável onde a criança se sinta segura para expressar seus desejos, medos e emoções. Por isso, a necessidade do professor em ter olhos cuidadosos e atentos para perceber detalhes que a criança busca representar de um determinado momento ou fase de sua vida que está passando ou vivenciando em seu meio familiar.

Nicolau (1995) completa que os desenhos, as pinturas e as realizações expressivas das crianças não apenas representam seus conceitos, percepções e sentimentos com relação ao meio, como também possibilitam ao adulto sensível e consciente uma melhor compreensão da criança. Daí a importância de se ter um profissional da educação qualificado e eficaz dentro da sala de aula, ou até mesmo no ambiente escolar, que tenha conhecimentos sobre o assunto.

De acordo com Read (2001), o desenho é uma atividade espontânea, é expressão e comunicação. O que não é dito verbalmente aparece nas situações concretas indicadas nos traços feito pela criança. Sendo assim, o desenho infantil retrata a expressão natural e espontânea da criança.

Ferraz e Fusari (1993) entendem que a atividade imaginária é uma atividade criadora, resultante das experiências vivenciadas e da combinação de elementos da realidade.

Segundo Lowenfeld:

[...] através da compreensão da forma, como o jovem desenha, e dos métodos que usa para retratar seu meio, podemos penetrar em seu comportamento e desenvolver a apreciação dos vários complexos modos como ele cresce e se desenvolve (LOWENFELD, 1997, p. 51).

A partir do exposto, é fundamental que se compreenda a criança como um ser em desenvolvimento, sensível, que constrói através de suas experiências e representações gráficas um espaço real e imaginário, no qual se permite expressar seus sentimentos e emoções.

Assim, conforme os autores supracitados, o entendimento do papel docente nesse processo de acompanhar o progresso evolutivo nos desenhos da criança, compreendendo o que é importante na vida dela e como organizou suas relações com o meio em que vive.

### 3.3 FASES DO DESENVOLVIMENTO DO DESENHO.

Existem teorias e diferentes interpretações a respeito da produção gráfica infantil. Alguns estudiosos apontam fases para o desenvolvimento do desenho infantil, de acordo com uma evolução etária. Entre os mais conhecidos estão Lowenfeld, Luquet e Nicole Bédard.

Lowenfeld (1970), desenvolveu uma extensa pesquisa sobre as etapas do grafismo infantil as quais serão ilustradas neste estudo com desenhos de crianças de acordo com sua respectiva idade e fase de desenvolvimento. Segundo Lowenfeld o desenho infantil passa pelos seguintes estágios: estágio das garatujas, que é dividido em três fases: Garatuja desordenada, Garatuja ordenada e Garatuja nomeada, Estágio Pré-esquemático e Estágio Esquemático.

Segundo Lowenfeld (1970), tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar, enfim, qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é, de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas, quer se trate de nível infantil ou de artista profissional.

Segundo este mesmo autor, as primeiras representações infantis, são as garatujas que é “o início da expressão que a conduzirá não só ao desenho e à pintura, mas também a primeira escrita” (LOWENFELD, 1970, p.117). São esses pequenos rabiscos iniciais que servirão como fase para o seu desenvolvimento cognitivo. Nessa fase a utilização de um simples lápis, já é o suficiente para a criança, pois essa tem o ato de rabiscar como um momento de prazer não tendo intenção alguma de construção.

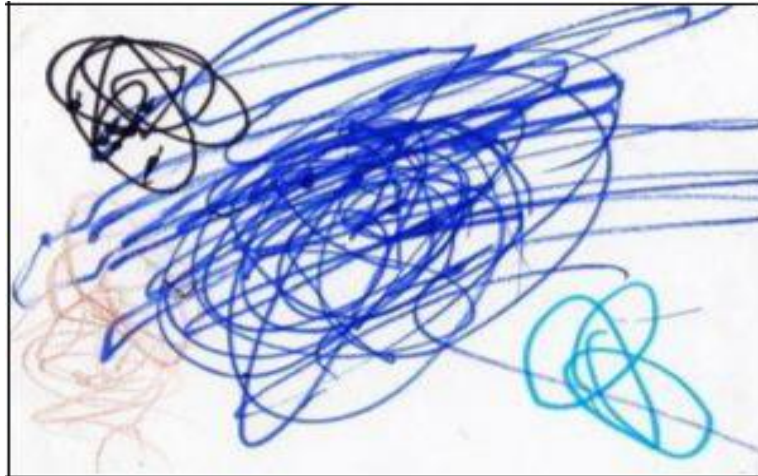
#### 3.3.1 Etapas da garatuja

Entre 1 aos 4 anos a criança começa a rabiscar ou garatujar e surpreende ao ver que o movimento de sua mão agarrada a um lápis deixa um traço ou sinal no papel até então branco. Ela desenvolverá suas garatujas em papéis se lhe apresentarmos tal material, caso contrário, utilizará móveis, paredes e o próprio corpo para satisfazer esta necessidade. Oferecer papéis de preferência brancos, folhas grandes, lápis de cera, canetas hidrográficas, pincéis grossos, tintas espessas é dar oportunidade para que a criança se inicie no processo de expressão.

#### a) Garatuja desordenada

As garatujas desordenadas são simples traçados feitos pela criança, linhas que seguem em todas as direções. A criança rabisca sem planejamento prévio ou controle de suas ações. “Seu maior prazer está em explorar o material e riscar o chão, as portas, o próprio corpo e os brinquedos” (OLIVEIRA, 1994, p. 44). Não controla seus rabiscos, nem se prende ao que está fazendo. Muitas vezes ultrapassa o limite do papel rabiscando a mesa trocando várias vezes de lápis, pegando-o de qualquer maneira.

**Figura 1- Garatuja desordenada**



**Fonte: site História das Artes<sup>1</sup>**

#### a) Garatuja ordenada

Durante este período (no caso aqui, até dois anos de idade) a criança realiza diversos rabiscos explorando os espirais e linhas alternando num mesmo desenho, tamanhos, movimentos e ritmos, o que mostra um exercício motor e perceptivo. Até este momento não conseguimos perceber o que a criança pretende desenhar e se a perguntarmos sobre o desenho que realizou ela pode até mesmo mudar o discurso referente à imagem diversas vezes (LOWENFELD, 1970).

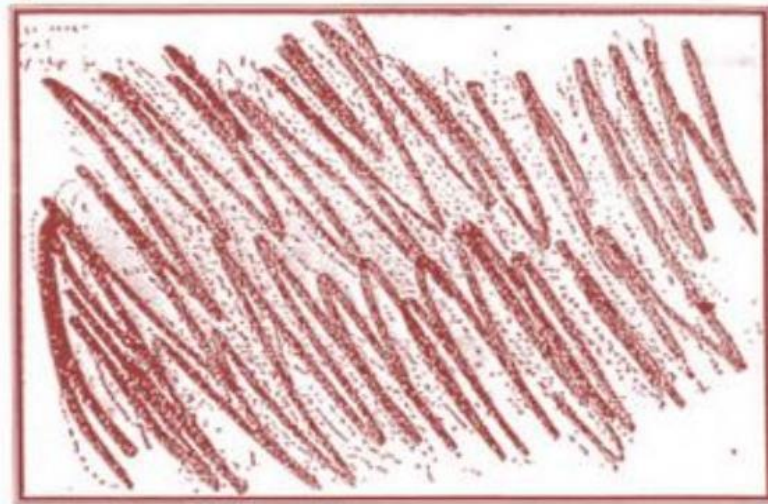
Com relação à figura humana não se tem uma formação concreta, apenas imaginária, ela desenha o que pensa ou acha sobre determinado objeto, não havendo uma relação fixa entre este e sua representação, por isso antes mesmo de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>. Acesso em: 24. jun. 2020.

terminar seu desenho, o seu traçado pode se transformar em diversas coisas, como por exemplo, um risco pode ser uma árvore ou antes de terminar pode ser um cachorro correndo. Talvez porque neste momento a criança ainda tem como interesse explorar e não, representar (LOWENFELD, 1970).

**Figura 2- Garatuja ordenada**



**Fonte: site História das Artes<sup>2</sup>**

**b) Garatuja nomeada ou identificada**

Nesse período, a criança passa a fazer a ligação entre seus movimentos e o mundo que a rodeia, daí a atribuição de nomes às garatujas, pondo intenção no que desenha. Isso não a impede de desfrutar o movimento físico, principalmente quando recebe um novo material de desenho, o que é por ela explorado em todas as suas possibilidades (LOWENFELD, 1970).

A descrição verbal dos rabiscos será muitas vezes uma comunicação da criança consigo própria, sem ligação com a representação visual, o mesmo rabisco poderá ter atributos descritivos diferentes; as crianças necessitam de que seus pais e professores demonstrem confiança, compreensão e entusiasmo por esse novo modo de pensar, sem, no entanto, forçá-las a dar explicações sobre o que desenharam (LOWENFELD, 1970).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>. Acesso em: 24. jun. 2020.

Representa intencionalmente um objeto concreto, através de uma imagem gráfica, passa mais tempo desenhando, distribui melhor os traços pelo papel descrevendo verbalmente o que fez e começa a anunciar o que vai fazer (LOWENFELD, 1970).

**Figura 3 - Garatuja nomeada**



Fonte: site História das Artes<sup>3</sup>

De acordo com Lowenfeld (1970), a garatuja é, para a criança, tão natural como a necessidade de alimentar-se ou de dormir; para o adulto, porém, não tem esse sentido. Isso pode ser comprovado pelo fato de muitos pais guardarem os desenhos de seus filhos, e poucos fazerem com as garatujas, registros gráficos que refletem um momento muito importante da vida infantil. Nunca se deve interromper ou proibir essas manifestações, que levam a um amadurecimento e desenvolvimento em correspondência com o ritmo próprio de cada criança.

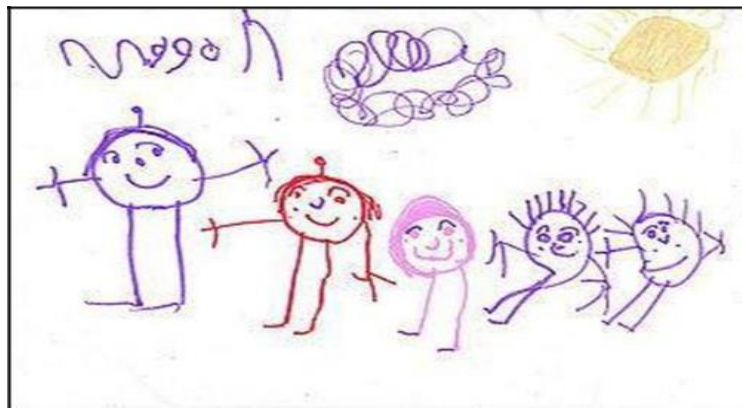
Geralmente, nas primeiras fases da garatuja, nenhuma motivação especial se faz necessária, exceto a de proporcionar à criança os materiais adequados citados anteriormente e deixar que ela se expresse. Como durante essa etapa a criança precisa sentir e experimentar sensações, os materiais utilizados devem favorecer essa necessidade, sem apresentar dificuldades técnicas (LOWENFELD, 1970).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>. Acesso em: 24. jun. 2020.

### 3.3.2 - Estágio Pré-Esquemático

De acordo com Lowenfeld (1970), nessa fase as crianças geralmente têm de 4 a 7 anos. Os desenhos passam a ser mais conhecidos. As crianças dessa fase têm o hábito de desenhar a família ou até a si mesmo. Além disso, os desenhos passam a ser mais organizados e as cores aparecem. Alguns, de acordo com a realidade, outros não. Isso vai de acordo com cada criança. É a partir desse estágio que a criança começa a representar coisas de sua realidade e a exprimir suas fantasias, desenha vários objetos ou o que imagina deles, sem proporção de tamanho e distância. Começa a utilizar o desenho como expressão do próprio pensamento, não desenhando apenas o que vê, mas o que tem maior valor emocional ou carga afetiva para ela, o desenho da figura humana é bastante completo e variado em suas formas e tamanhos. É comum as figuras humanas todas coloridas.

**Figura 4** - Estágio Pré-Esquemático



Fonte: site História das Artes<sup>4</sup>

### 3.3.3- Estágio Esquematismo

Segundo Lowenfeld (1970), faz parte da fase das operações concretas (7 a 10 anos). Nesse estágio, a criança desenvolve o conceito da forma e seus desenhos simbolizam o que pertence ao seu meio, de maneira descritiva.

De acordo com Lowenfeld:

[...] é neste período que aparece uma interessante característica dos desenhos infantis: a criança dispõe os objetos que está retratando

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>. Acesso em: 24. jun. 2020.

numa linha reta, em toda a largura da margem inferior da folha de papel. Assim, por exemplo, a casa é seguida de uma árvore, à qual se segue uma flor que fica ao lado da pessoa que poderá ficar antes de um cão, que é a figura final do desenho (LOWENFELD, 1977, p. 55).

Como dito Lowenfeld (1970), nesta etapa, surgem duas grandes conquistas: o uso da linha de base e a descoberta da relação e cor do objeto. Os desenhos revelam realismo lógico (organização espacial) e descritivo (rico em detalhes). As figuras se relacionam uma com as outras e desenham a linha de terra (um traço horizontal ou a borda da própria folha) e o céu, dando maior distância entre os dois onde as coisas ocupam seus lugares certos. Ainda existe muita simbolização nos desenhos, mas a criança tem maior consciência a seu respeito, projetando-os em suas produções. Se, antes, ela tinha prazer em realizar desenhos livres, mostrá-los e explicá-los aos outros, nesse estágio, prefere ocultá-los da observação dos adultos, justamente pela consciência que tem de si e do seu ambiente natural, gerando uma autocrítica que não se manifestava antes.

**Figura 5** - Estágio Esquematismo



Fonte: site História das Artes<sup>5</sup>

### 3.4 O OLHAR DO PROFESSOR NA INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS INFANTIL

O desenho por ser uma representação do mundo da criança, tem uma diversidade ampla, com várias formas, cores e tamanhos. É preciso que o profissional que trabalha com a criança na função de educador conheça cada etapa

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>. Acesso em: 24. jun. 2020.



do desenvolvimento gráfico-infantil, para ajudá-la a superar todas as fases desafiadoras e estimulantes que encontrar durante esse percurso.

É importante questionar os desenhos com as crianças para acompanhar a construção do seu pensamento. É necessário aprender a compreender para que não haja uma interpretação errada sobre os conceitos representados. O desenho possibilita que o professor conheça sobre a criança e saiba a maneira com que ela trata e vê o mundo.

Infelizmente, ainda se encontra profissionais que não valorizam o desenho de seus alunos como um meio da construção de seus pensamentos. Mas através de estudos, pode-se afirmar que no processo de desenvolvimento de aprendizagem, o desenho é um dos instrumentos mais eficazes no qual o professor pode compreender seu aluno. Ao considerar o desenho como expressão de ideias e conhecimento, o professor poderá orientar suas ações pedagógicas.

Na perspectiva de Moreira (2008), o que é preciso considerar diante de uma criança que desenha é aquilo que ela pretende fazer: contar-nos uma história e nada menos que uma história, mas devemos também reconhecer, nesta intenção, os múltiplos caminhos de que ela se serve para exprimir aos outros a marcha de seus desejos, de seus conflitos e receios. Por isso, o profissional precisa ter olhos cuidadosos para perceber detalhes que a criança busca representar de um determinado momento, porque o modo como são feitas certas interpretações podem ser equivocadas, já que nem sempre o que é “entendido” pode ser o que os pequenos buscaram representar.

O desenho para a criança é o momento onde se caracterizam pensamentos e desenvolvem-se relações com o seu meio ambiente. Entender o conceito de arte e as suas relações com a realidade ajuda-nos a compreender melhor o processo mental infantil. O desenho é uma das melhores formas de expressão de uma criança. Cada uma usa da criatividade para demonstrar aquilo que sente ou quer e o imaginário vai longe quando a criança tem lápis coloridos e um pedaço de papel nas mãos.

E como afirma Derdyk:

O mundo para criança é continuamente reinventado. Ela constrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob forma de atividades expressivas (DERDYK, 1989, p. 54).



Nesse sentido, é preciso que as escolas valorizem e estimulem a prática do desenho livre e devem, por sua vez, estarem sensíveis a analisar os desenhos e encontrar a mensagem que a criança quer passar. Conversar com a criança sobre o desenho e entender o que os traços dizem é uma maneira de dizer que ela tem atenção e pode contar com os adultos que a cercam.

Na concepção de Luquet (1969), as etapas gráficas são: “Realismo Fortuito”, “Realismo Falhado”, “Realismo Intelectual” e “Realismo Visual”.

Segundo Luquet (1969), a primeira fase, “Realismo Fortuito”, é aquela onde a criança faz traços sem um objetivo específico e descobre por acaso uma semelhança entre o objeto e o seu desenho, dando então um nome para ele. Nesta fase, ao se questionar uma criança de dois anos sobre o seu desenho, ela pode dizer que desenhou uma casa, em seguida passa a ser uma bola, ou qualquer outra coisa que lhe ocorrer no momento. O gesto motor que traça as linhas é caracterizado mais do que o significado do elemento gráfico. Esta ideia é esclarecida nas palavras de Luquet (1969, p. 145): “A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas”.

Luquet (1969), a segunda fase é o “Realismo Falhado”, onde a criança descobre a identidade da forma, o objeto passa a ser reproduzido e a criança vai modificando seu desenho, tornando-o mais parecido com o real. No entanto, as dificuldades gráfico-motoras e as dificuldades psíquicas são fatores que interferem no desenho, evidenciando imagens desproporcionais.

Luquet (1969), em seguida, aparece a fase do “Realismo Intelectual”, que se caracteriza pelo fato do desenho conter elementos semelhantes ao objeto. A criança desenha não o que vê, mas o que sabe dele, num conjunto coerente da figura. Para representar partes ocultas do desenho, surgem as transparências e, nas figuras humanas, surgem pessoas de perfil, havendo uma coordenação entre a forma, o espaço e a cor que estrutura o desenho.

Luquet (1969), por último, no “Realismo Visual” a criança representa apenas os elementos visíveis do objeto e critica os seus desenhos. Aparecem claramente as influências sociais, históricas e culturais, bem como elementos do seu cotidiano. Há detalhes que particularizam as figuras e a cor empregada tem papel realista e decorativo.

Bédard (2013) divide o desenvolvimento do desenho da criança em quatro partes sendo estas:

Dos 18 meses aos 2 anos – A criança adora fazer rabiscos, especialmente sobre suportes de grandes dimensões e com liberdade, a coordenação do movimento é ainda desajeitada.

Dos 2 aos 3 anos - A criança quer experimentar várias ferramentas de desenho (canetas, tintas, lápis de cera ou de cor). Inicia a fase onde experimenta mais do que exprime e a sua coordenação desenvolve-se, ela consegue segurar com mais firmeza as ferramentas.

Dos 3 aos 4 anos – A criança começa a exprimir-se através do desenho e, com frequência, informa-nos daquilo que pensa desenhar mesmo antes de começar o desenho.

Dos 4 aos 5 anos – Aqui a criança escolhe as cores em função da realidade, mas, por vezes tem tendência a esquecer o desenho em favor da escrita. Bédard (2013).

Segundo Bédard (2013), existem vários fatores que ajudam a interpretação do desenho da criança: Observar a reação da criança em relação ao seu desenho é um dos processos que pode ser utilizado, se a criança tenta apagar os traços que são mais ou menos ao seu gosto, se risca o desenho fazendo outro na mesma folha pode significar uma situação pouco agradável proveniente do passado e não esquecida consciente ou inconscientemente.

A atitude que a criança tem quando desenha também revela algo, algumas crianças desenhavam em silêncio, outras desenhavam cantarolando ou fazendo o relato daquilo que estão a desenhar. “O desenho feito em silêncio denota concentração, ele terá muito mais significado ao nível da interpretação. Se a criança cantarola ao desenhar, pode-se tratar de uma necessidade de encher a atmosfera.” (Bédard, 2013, p. 16).

A orientação no espaço dos elementos presentes na folha também ajuda a uma interpretação dos desenhos. Se a criança desenha outros elementos que não sejam o sol, a lua ou as estrelas na parte superior da folha quer dizer que ela está preparada para adquirir novos conhecimentos. “O quadro superior da folha representa a cabeça, o intelecto, a imaginação, de facto é o desejo de novas curiosidades e descobertas.” (Bédard, 2013, p. 16).

Ainda segundo o autor supracitado, já a parte inferior da folha informa-nos sobre as necessidades físicas e materiais da criança. O lado esquerdo da folha indica-nos um momento passado ao qual a criança se encontra ligada, a positividade ou negatividade desse acontecimento é traduzido pelo tipo de desenho que lá está presente. (Bédard, 2013, p. 16).

O centro da folha indica o presente, significa que a criança está presente e disponível para tudo aquilo que a rodeia, não mostrando qualquer tipo de pressão ou ansiedade. A criança que desenha no lado direito da folha demonstra que pensa majoritariamente no futuro ou em algum acontecimento especial que este possa trazer. As dimensões do desenho podem também expressar alguns sentimentos das crianças. “A criança que constantemente desenha formas grandes está demonstrando certa segurança. É como se pensasse: “Vivo e existo”. Deste modo afirma-se ocupando “seu” lugar. (Bédard, 2013, p.18).

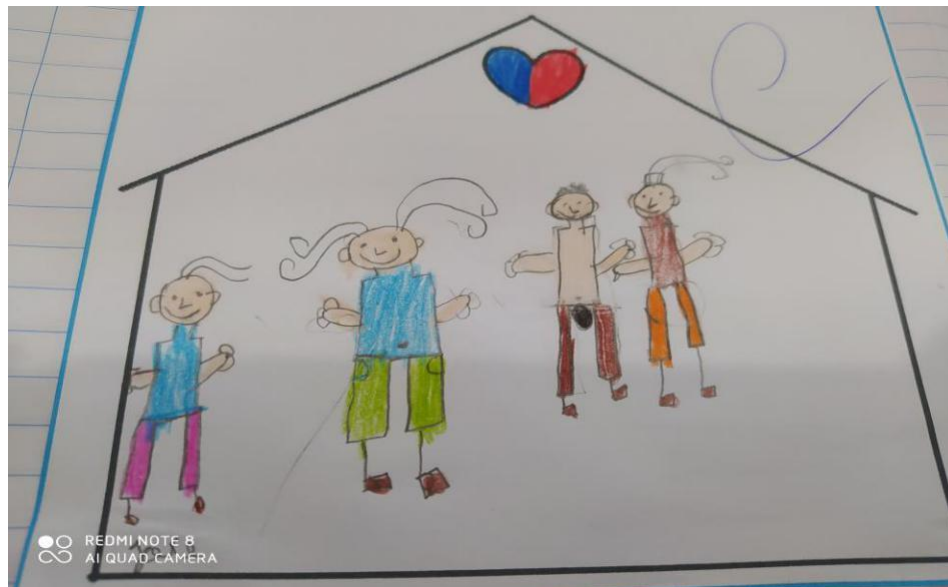
Se a criança faz muitos desenhos então pode demonstrar-se calma e com menor necessidade de se afirmar. Os traços nos “transmitirão informações acerca da sua rapidez de espírito, ou sobre suas dúvidas. Podemos detectar o espírito rebelde ou pacífico se analisarmos certos traços básicos; conforme forem contínuos, oblíquos, se estiverem manchados, etc.” (Bédard, 2013, p.19).

Segundo a autora, o traço contínuo que se desloca na folha sem pausas e sem cruzamentos indica que a criança respeita o ambiente ao procurar o seu bem-estar, o tracejado, quando a criança começa, faz uma pequena pausa e recomeça, significa que a criança hesita uma transformação. O traço oblíquo assegura que a criança não desviará a sua trajetória e o seu objetivo. A análise do traço oblíquo varia mediante a pressão exercida pela ferramenta de desenho. Se o gesto contém fraqueza e superficialidade demonstra que a criança se empenha sem convicção, por outro lado, se o traço é forte demonstra agressividade.

O desenho armadilha é designado pela autora como aquele que apresenta elementos dos dois lados da folha. Este desenho pode querer dizer que a criança quer deixar de lado ou indicar aquilo que se encontra no verso da folha. Assim, segundo a autora é mais importante analisar o desenho que se encontra no verso da folha, “por exemplo, a criança desenha a sua família e omite uma irmã mais nova ou o pai, e que podemos encontrar do outro lado do papel. Significa que a criança afasta essa pessoa do seu ambiente.” (Bédard, 2013, p.29).

Segundo Bédard (2013), a transparência nos desenhos, como uma casa cujo interior pode-se ver, móveis ou pessoas que nela moram, ou também “um homem a quem se pode ver as suas pernas através das calças, pode querer indicar duas coisas: a primeira nos mostrar uma criança inteligente e intuitiva, capaz de perceber os pensamentos dos demais ou prever a evolução de uma situação determinada. E a segunda, menos favorável, revelar-nos-ia uma criança inclinada às mentiras e acostumada a camuflar seus pensamentos. Seu desenho revela-nos que ela gostaria de ser desmascarada ou liberada da sua carga. Deste modo, tal tipo de mensagem converte-se numa mensagem que poderia ser: “Olhe o que escondo e ajude-me a manifestá-lo verbalmente”. (BÉDARD, 2013, p. 31).

**Figura 6** – Desenho de um aluno



Fonte: próprio autor<sup>6</sup>

Segundo a autora, o que pode influenciar a positividade ou não destes desenhos são as cores utilizadas. Se as cores usadas são fortes como o vermelho, o cor-de-laranja ou o amarelo a criança procura atenção, por outro lado, se usa cores como o azul ou verde, então esta mostra um comportamento social adequado.

“A criança que prefere empregar o vermelho em primeiro lugar indica-nos, que é de natureza enérgica, de espírito desportivo, ou que vive de agressividade um pouco destrutiva.” (Bédard, 2013, p. 31). Segundo a autora, a criança que usa repetidamente a cor amarela transmite-nos curiosidade, alegria de viver e muita

<sup>6</sup>Desenho feito por um aluno com 7 anos de idade.

expressividade. O uso da cor de laranja indica-nos uma criança que se interessa pela novidade e demonstra espírito de equipe e de competição. Quando a criança usa muito o azul em detrimento das outras cores indica-nos que esta é introvertida e deseja andar ao seu próprio ritmo.

Segundo Bédard (2013), o verde, sendo a mistura do amarelo e do azul, mostra, por um lado curiosidade, conhecimento, bem-estar e maturidade. Quando o verde é mal aplicado nos desenhos (em elementos que normalmente não apresentam esta cor) indica-nos que a criança se sente superior aos outros. O rosa, sendo composto pelo vermelho e branco, revela a energia do vermelho, mas atenuada. Por um lado, esta cor mostra-nos uma criança que prefere estar em contacto apenas com coisas agradáveis e fáceis, por outro, mostra vulnerabilidade face às situações menos agradáveis. A cor malva (roxo) revela uma criança que se distingue facilmente pela atitude entre as outras crianças, mas, apesar da sua atitude extrovertida esta criança também pode ter períodos introvertidos.

Bédard (2013), a criança que usa o castanho revela-se dependente da sensação de conforto e de segurança, porém, se esta cor estiver bem representada nos elementos do desenho indica-nos uma criança estável e minuciosa. O cinzento, sendo uma mistura entre o preto e o branco transmite o ponto entre o conhecido e o desconhecido. “A criança que desenha as suas formas com o cinzento está em período de transição, um pé no passado e um pé no futuro.” (Bédard, 2013, p.37).

Ainda de acordo com a autora, a casa “representa um tema frequentemente escolhido pela criança. Ela representa a emoção vivida do ponto de vista social. Este tema informa-nos sobre o grau de abertura ou não perante o ambiente imediato.” (Bédard, 2013, p.40). Para a autora, existem três principais elementos a ser tidos em conta quando observamos o desenho de uma casa: o número de janelas presentes nela, a maçaneta da porta, a fumaça que sai da chaminé, se existir e o tamanho da casa e da porta. Se a criança desenha uma casa grande está a passar por uma fase mais emotiva do que racional, enquanto que a criança que desenha uma casa pequena se revela mais introspectiva. A criança que desenha uma porta grande mostra-se aberta à recepção de novas pessoas, sem seletividade, por outro lado, a porta pequena dá-nos a conhecer uma criança que seleciona cuidadosamente as pessoas para quem abre a sua porta.

Bédard (2013), a maçaneta da porta transporta uma grande simbologia e revela muito sobre a personalidade da criança. Uma maçaneta desenhada no centro

da porta mostra-nos uma criança que deseja a independência e a autonomia, a que está desenhada do lado esquerdo da porta revela uma criança muito ligada ao passado, para ela não há necessidade de crescer ou envelhecer. A criança que desenha a maçaneta do lado direito da porta procura a mudança, ambiciosa quando ao futuro, quanto àquilo que irá acontecer.

Segundo Bédard (2013), a fumaça que sai da chaminé da casa, se existente, “informa-nos sobre o grau e o tipo de emoção que circula no seio da família da criança ou no seu ambiente.”. Quando, num desenho de uma criança, aparece o fumo representado por um fio fino e ligeiro acompanhado por uma casa cor as cores vivas mostram-nos uma criança que vive numa situação de valor. A sua atmosfera familiar deverá ser harmoniosa. Por outro lado, se esse fumo ligeiro aparece acompanhado por uma casa com cores pálidas, corresponde a uma criança que passa por um problema ligeiro algo que a faça sentir-se triste. Quando o fumo se apresenta mais intenso, mais probabilidades existem de esse problema estar relacionado com agressividade presente no seu meio familiar.

Bédard (2013), o sol, elemento representado mais vezes do que as estrelas ou a lua transporta a simbologia do nosso lado independente e combatente. O sol que é desenhado do lado esquerdo da folha então encontrou ligação com o passado ou com a mãe e com a sua valorização dependendo da intensidade dos raios. Raios muito grandes e vigorosos por vezes podem revelar uma criança que sente que a mãe quer impor em demasia a sua vontade. O sol que é desenhado do lado direito da folha informa-nos da percepção que a criança tem do pai. Quando o sol brilha intensamente do lado direito pode revelar-nos tendência para a violência física por parte do pai. O sol que é desenhado no centro da folha representa a própria criança e a sua independência.

Portanto, para se fazer uma avaliação detalhada do desenho, é necessária antes uma avaliação exaustiva do desenho, utilizando-se de vários outros desenhos realizados por essa criança, durante certo período e tempo. Em geral, um só desenho não é suficiente para avaliar os pontos fortes, as debilidades e as necessidades dessa criança.

Segundo Nicole Bédard:

Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a

reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa (BÉDARD, 2013, p. 59).

Portanto, o desenho infantil tem uma importância vital no desenvolvimento global da criança, enquanto ser social e historicamente constituído, que usa deste instrumento para expressar sua vida. O desenho, como uma atividade lúdica, é um forte aliado na construção do pensamento. Permitir que a criança desenhe, não só como atividade artística, ou como um passatempo, é proporcionar-lhe expressar suas ideias e emoções.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que o desenho sempre fez parte da vida do ser humano e por meio dele pode-se decifrar o que sente, ele se torna um meio eficaz de expressão da criança para com o mundo.

Dessa forma, foi possível perceber que o desenhar passa por um processo de maturidade, onde através dele a criança expressa seus sentimentos e emoções, podendo expor seus anseios e demonstrar as situações que vivencia no meio que está inserida, revelando seus aspectos subjetivos na construção do seu caráter.

Assim, se fez perceptível também a importância de um ambiente propício, onde a criança se sinta estimulada e tenha ao seu redor ferramentas que possibilite esse momento de expressão. Estabelecendo aí a necessidade de o professor ser capaz de compreender o desenho da criança, interpretando em diversas situações o que a criança carrega consigo.

Portanto, é primordial que em sua formação acadêmica e continuada o professor seja capacitado a conceber o desenho em suas múltiplas possibilidades, considerando, então, que o grafismo é extremamente importante no desenvolvimento de uma criança, uma vez que contribui para inúmeras aprendizagens e experiências que auxiliam no seu crescimento físico e emocional.

## REFERÊNCIAS

BÉDARD, N. Como interpretar os desenhos das crianças. 1ª ed. São Paulo: Editora Isis, 2013.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Lingüística. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990.

\_\_\_\_\_. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1993.

\_\_\_\_\_. Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil. Série: Pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. Formas de pensar o desenho? Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

FERRAZ, M. H. de T.; FUSARI, M. F. de R. Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Aurora. A criança e a arte o dia-a-dia na sala de aula. Rio de Janeiro: Walk, 2005.

JUNQUEIRA FILHO, G. de A. Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1970.



LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte: Um guia para os pais. 2. ed. Tradução Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G.H. O desenho infantil. Porto: Livraria Civilização, 1969.

MOREIRA, A. A. A. O espaço do desenho: A educação do educador. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

MOREIRA, A. A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

NICOLAU, M. L. M. A educação artística da criança. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

READ, Herbert. Educação pela Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.